





# **I'M YOUR MAN**

## **A VIDA DE LEONARD COHEN**

**Sylvie Simmons**

Tradução de  
**Paulo Faria**

**LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIX**

# ÍNDICE

*I'm Your Man: The Life of Leonard Cohen*  
© 2012 by Sylvie Simmons

© 2019, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6 A  
1500-461 Lisboa  
21 726 90 28/29  
info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *I'm Your Man:  
The Life of Leonard Cohen*

Título: *I'm Your Man:  
A vida de Leonard Cohen*  
Autora: Sylvie Simmons  
Tradução: Paulo Faria  
Revisão: Goodspell (Inês Hugon)  
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares),  
a partir de fotografia de Sam Tãta © 1973

1.ª edição: Outubro de 2019

ISBN: 978-989-671-510-6  
DEPÓSITO LEGAL: 461388/19

Prólogo	II	CAPÍTULO 9	
		Como cortejar uma mulher	175
CAPÍTULO 1		CAPÍTULO 10	
Nasci de fato completo	13	A poeira de uma longa noite sem dormir	199
CAPÍTULO 2		CAPÍTULO 11	
Uma casa de mulheres	31	O tao do <i>cowboy</i>	219
CAPÍTULO 3		CAPÍTULO 12	
Vinte mil versos	47	Ah, faz-me uma máscara	243
CAPÍTULO 4		CAPÍTULO 13	
Eu comecei a gritar	67	As veias salientes como estradas	267
CAPÍTULO 5		CAPÍTULO 14	
Um homem que fala com uma língua de ouro	89	Um escudo para repelir o inimigo	291
CAPÍTULO 6		CAPÍTULO 15	
Basta de heróis tombados	109	Adoro-te, Leonard	319
CAPÍTULO 7		CAPÍTULO 16	
Por favor, procura-me, tenho quase trinta anos	129	Uma conversa com laivos de sagrado	339
CAPÍTULO 8			
Um longo barbear	155		

CAPÍTULO 17			
O aleluia do orgasmo	359	Epílogo	563
CAPÍTULO 18		Nota da autora	567
Os lugares onde outrora me diverti	381	POSFÁCIO	
		A luz errante	573
CAPÍTULO 19			
Jeremias na Tin Pan Alley	403		
CAPÍTULO 20		Notas	583
Desta montanha pedregosa	427	Créditos	599
CAPÍTULO 21		Índice onomástico	602
Amor e roubo	457	Índice da obra de Leonard Cohen	612
CAPÍTULO 22			
Impostos, filhos, a bichana perdida	479		
CAPÍTULO 23			
O futuro do <i>rock 'n' roll</i>	503		
CAPÍTULO 24			
<i>Here I stand, I'm your man</i>	519		
CAPÍTULO 25			
Um manual para viver com a derrota	545		

Para N.A., que recordo com carinho

«A maneira como fazemos  
uma coisa qualquer diz-nos a maneira  
como fazemos todas as coisas.»

*Tom Waits*

## PRÓLOGO

É um homem cortês, elegante, com modos de antigamente. Faz uma vénia quando nos saúda, põe-se de pé quando se despede de nós, certifica-se de que nos sentimos à vontade e abstém-se de referir que o mesmo não se passa com ele próprio; o afagar discreto do rosário grego que traz no bolso, porém, denuncia-o. É por natureza um homem reservado, um pouco tímido, mas, quando precisamos de explorar os recantos sombrios da sua natureza, cerra os dentes e vai à luta, com dignidade e bom humor. Escolhe as palavras cuidadosamente, como um poeta ou um político, e nota-se que se habituou a ser preciso, que tem o ouvido apurado para as sonoridades e que possui o talento e o gosto da esQUIVA e do mistério. Sempre apreciou cortinas de fumo e espelhos. E, no entanto, há qualquer coisa de conspirativo na maneira como ele fala, tal como sucede quando ele canta, como se nos confiasse um grande segredo.

É um homem aprumado e sóbrio — não há nele nada de supérfluo — e mais baixo do que parece à primeira vista. Irrepreensível. Ficamos com a impressão de que não lhe custaria nada usar um uniforme. Neste momento, veste um fato completo. É de tecido escuro, listado, assertoado, e, se foi comprado numa loja de pronto-a-vestir, não parece.

— Querida — diz, — eu nasci de fato completo<sup>a</sup>.

a Entrevista da autora a LC, 2001.

Capítulo 1

**NASCI DE FATO COMPLETO**

When I'm with you  
I want to be the kind of hero  
I wanted to be  
when I was seven years old  
a perfect man  
who kills

[Quando estou contigo  
quero ser o género de herói  
que queria ser  
quando tinha sete anos  
um homem perfeito  
que mata]

«The Reason I Write» [A Razão por Que Escrevo],  
*Selected Poems 1956-1968*

O motorista cortou para uma transversal junto à sinagoga que ocupava a maior parte do quarteirão, deixou para trás a Igreja de São Matias, situada na esquina fronteira, e meteu pela rua que subia a encosta. No banco traseiro do carro estava uma mulher — de vinte e sete anos, bonita, de traços vincados, vestida com elegância —, com o filho recém-nascido ao colo. As ruas por onde circulavam eram bonitas e bem arranjadas, as árvores enfileiradas em renques perfeitos. Casarões de tijolo e pedra, à primeira vista prestes a desabar sob o peso esmagador da sua vaidade, pareciam, afinal, pairar sem esforço pelas ladeiras acima. Mais ou menos a meio da subida, o motorista meteu por uma rua lateral e parou defronte de uma casa no

extremo da artéria. O número 599 da Belmont Avenue era uma moradia ampla, sólida e de aparência austera, em estilo inglês, as paredes exteriores de tijolo escuro suavizadas na fachada por uma varanda de madeira pintada de branco e, nas traseiras, pelo Murray Park, seis hectares de relvados, arvoredo e canteiros de flores, com uma vista desafogada sobre o rio São Lourenço, de um lado, e, do outro, sobre a Baixa de Montréal. O motorista saiu do carro e abriu a porta traseira, e Leonard, nos braços da mãe, transpôs os degraus brancos diante da porta principal e entrou no lar paterno.

Leonard Norman Cohen nasceu a 21 de Setembro de 1934, no Hospital Royal Victoria, um grande edifício de pedra cinzenta em Westmount, um bairro abastado de Montréal, no Canadá. A fazer fé nos registos, o parto teve lugar às 6h45 de uma manhã de sexta-feira. Em termos históricos, o nascimento ocorreu a meio caminho entre a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Se contarmos para trás, percebemos que Leonard Cohen foi concebido algures entre o final do Hanucá e o dia de Natal, durante um dos invernos subárticos que aquela cidade fazia questão de oferecer regularmente, cheia de brio, aos seus moradores. No lar de Leonard, as roupas desempenhavam um papel crucial.

Nathan Cohen, o pai de Leonard, era um próspero judeu canadiano, dono de uma empresa de confecções destinadas a um público de classe média-alta. A Companhia Freedman era conhecida pelas suas roupas formais, e Nathan gostava de se vestir de modo formal, mesmo em ocasiões informais. Em matéria de fatos, tal como em matéria de casas, preferia o estilo inglês selecto. Usava sempre polainas, uma flor na lapela para tornar a sua aparência menos austera e, quando o seu estado de saúde passou a exigir-lo, uma bengala com castão de casquinha. Masha Cohen, a mãe de Leonard, dezasseis anos mais nova do que o marido, era uma judia russa, filha de um rabi, recém-imigrada no Canadá. Ela e Nathan casaram-se pouco depois da chegada dela a Montréal, em 1927. Dois anos mais tarde, Masha deu à luz o primeiro dos dois filhos do casal, a irmã de Leonard, Esther.

Nas fotografias mais antigas de Nathan e Masha, ele surge como um homem atarracado, de rosto quadrado e ombros quadrados. Masha, pelo contrário, mais magra e um bom palmo e meio mais alta do que ele, apresenta uma silhueta toda feita de círculos e de curvas. A expressão do rosto é a um tempo pueril e aristocrática, enquanto a de Nathan é hirta e taciturna. É certo que era esta a pose para a fotografia que se exigia a um chefe



Leonard com quatro meses [coleção particular de Leonard Cohen]

de família naquela época, mas Nathan não deixava de ser, sem sombra de dúvida, mais reservado e mais anglicizado do que a esposa, uma mulher calorosa e emotiva, à boa maneira russa. Em bebé, Leonard, rechonchudo, de membros curtos e também ele de rosto quadrado, era a cara chapada do pai, mas, com o tempo, foi adquirindo traços de Masha — o rosto em forma de coração, o cabelo espesso e frisado e os olhos encovados, escuros, de cantos descaídos. Do pai herdou a baixa estatura, o gosto pelo asseio e pela arrumação, a honestidade e o amor pelos fatos completos. Da mãe herdou o carisma, a melancolia e o talento para a música. Masha cantava constantemente enquanto deambulava pela casa, em russo e em iídiche, mais do que em inglês, velhas canções sentimentais do folclore russo que aprendera em criança. Numa bela voz de contralto, com o acompanhamento de violinos imaginários, cantava sem parar, viajando do júbilo à melancolia e vice-versa num abrir e fechar de olhos. «Tchekhoviana», eis como Leonard descreveu a mãe<sup>1</sup>. «Ela ria-se e chorava amargamente», disse, uma emoção sucedendo à outra sem pausas nem transição<sup>2</sup>. Masha Cohen não era uma mulher nostálgica, não falava muito acerca da terra que deixara para trás. Mas carregava o seu passado naquelas canções.



Os moradores de Westmount eram anglo-canadianos protestantes e judeus canadenses de segunda e terceira gerações, gente abastada, de classe média-alta. Numa cidade sempre preocupada com as linhas divisórias e as separações, os judeus e os protestantes tinham sido remetidos para um bairro comum pelo simples facto de não serem francófonos nem católicos. Antes da «Revolução Tranquila» que teve lugar no Quebec, nos anos 60, e antes de o francês se tornar a língua oficial exclusiva da província, os únicos francófonos em Westmount eram os membros da criadagem. A criada dos Cohens, Mary, fugia à regra, pois era uma católica irlandesa. Eles tinham também uma ama, a quem Leonard e a irmã chamavam «Babá», e um jardineiro chamado Kerry, um negro, que cumpria ainda o papel de motorista da família. (O irmão de Kerry ocupava o mesmo posto na casa de um irmão mais novo de Nathan, Horace.) Não é segredo para ninguém que Leonard cresceu num meio privilegiado. Ele nunca negou ter nascido em berço de ouro, nunca repudiou as suas origens, nunca rejeitou a família, nunca mudou de nome, nunca fingiu ser aquilo que não era. A família dele era rica, ainda que houvesse em Westmount, sem dúvida, famílias bem mais ricas. Ao contrário das mansões da Upper Belmont, a casa dos Cohens, embora grande, era geminada com outra moradia, e o automóvel deles, embora conduzido por um motorista, era um *Pontiac*, não um *Cadillac*.

Porém, aquilo em que muito poucos podiam ombrear com os Cohens era no estatuto. A família no seio da qual Leonard nasceu era prestigiada e importante — uma das famílias judaicas mais eminentes de Montréal. Os antepassados de Leonard tinham construído sinagogas e fundado jornais no Canadá. Tinham financiado um extenso rol de sociedades e associações filantrópicas judaicas, tendo presidido a muitas delas. O avô de Leonard, Lazarus Cohen, fora o primeiro membro da família a chegar ao Canadá. Na Lituânia, que fazia parte da Rússia quando, na década de 1840, ele ali nasceu, Lazarus foi professor numa escola rabínica de Wylkowyski, uma das yeshivás mais exigentes do país. Com vinte e tal anos, deixou na Lituânia a mulher e o filho bebé para tentar a fortuna no estrangeiro. Depois de uma breve estada na Escócia, embarcou num navio para o Canadá e instalou-se em Ontário, numa cidadezinha chamada Maberly, onde subiu a pulso, começando como encarregado do armazém de uma serração, até chegar a proprietário de uma companhia de venda de carvão, a L. Cohen & Filho. O filho era Lyon, o pai de Nathan, que Lazarus man-

dou vir para o Canadá, juntamente com a mãe, dois anos depois. A família acabou por se mudar para Montréal, onde Lazarus se tornou presidente de uma fundição de latão e criou uma bem-sucedida empresa de dragagem.

Quando Lazarus Cohen chegou ao Canadá, em 1860, a população judaica do país era muito diminuta. Em meados do século XIX, havia menos de quinhentos judeus em Montréal. Em meados da década de 1880, quando Lazarus assumiu a presidência da sinagoga Congregação Shaar Hashomayim, eram já mais de cinco mil. Os *pogroms* na Rússia tinham causado uma onda migratória e, em finais do século, este número duplicara. Montréal convertera-se na capital do judaísmo canadiano, e Lazarus, com as suas longas barbas brancas, bíblicas, e a sua cabeça descoberta, era uma figura bem conhecida na comunidade. Além de construir uma sinagoga, Lazarus fundou e chefiou uma série de organizações destinadas a auxiliar os recém-chegados judeus e os candidatos a imigrantes, e chegou mesmo a viajar, em representação da Associação de Colonização Judaica de Montréal, até à Palestina (onde comprou terras logo em 1884). O irmão mais novo de Lazarus, o rabi Tzvi Hirsch Cohen, que se juntou a ele no Canadá pouco depois, viria a tornar-se o rabi-mor de Montréal.

Em 1914, o ano em que Lyon Cohen assumiu a presidência da Shaar Hashomayim em lugar do pai, esta sinagoga, numa cidade cuja população judaica ascendia agora a cerca de quarenta mil pessoas, podia orgulhar-se de contar com a mais vasta comunidade de crentes hebraicos. Em 1922, quando o templo original se tornou exíguo, a sinagoga mudou-se para um novo edifício, em Westmount, que ocupava um quarteirão quase inteiro, a escassos minutos de distância da casa da Belmont Avenue, num ponto mais baixo da encosta. Doze anos depois, Nathan e Masha acrescentaram o seu único filho varão ao «Registo de Nascimentos da Comunidade de Judeus Ingleses, Alemães e Polacos de Montréal», mantido pela sinagoga, e deram a Leonard o nome judaico de Eliezer, que significa «Deus é auxílio».

Lyon Cohen, à semelhança do pai, foi um homem de negócios extremamente bem-sucedido — confecções e seguros. Também imitou Lazarus no que dizia respeito ao serviço comunitário, tendo sido nomeado, ainda em adolescente, secretário da Associação Anglo-Judaica. Mais tarde, haveria de criar um centro comunitário judaico e um sanatório e caber-lhe-ia coordenar iniciativas de auxílio às vítimas dos *pogroms*. Ocupou cargos importantes no Instituto Barão de Hirsch, na Associação de Colonização Judaica e na primeira organização sionista canadiana. Viajou até ao Vaticano, em nome

da sua comunidade, para se encontrar com o papa. Foi co-fundador do primeiro jornal anglo-judaico do Canadá, o *Jewish Times*, no qual, esporadicamente, publicou artigos. Com dezasseis anos, escreveu uma peça teatral intitulada *Esther*, que levou à cena e na qual participou como actor. Leonard não chegou a conhecer o avô — tinha dois anos quando Lyon morreu —, mas havia entre eles laços muito fortes, que se intensificaram à medida que Leonard cresceu. Os princípios de Lyon, a sua ética do trabalho e a sua crença na «aristocracia do intelecto», como sempre se lhe referia, vinham ao encontro das convicções de Leonard<sup>3</sup>.

Lyon era também um acérrimo patriota canadiano e, quando a Primeira Guerra Mundial rebentou, lançou uma campanha de sensibilização para encorajar os judeus de Montréal a alistarem-se no exército canadiano. Os primeiros a fazerem-no foram os filhos dele, Nathan e Horace (o terceiro filho, Lawrence, era demasiado jovem). O tenente Nathan Cohen, número 3080887, tornou-se um dos primeiros oficiais judeus do exército canadiano. Leonard gostava muito das fotografias em que o pai surgia de uniforme. Porém, depois de regressar da guerra, Nathan começou a sofrer surtos recorrentes de doença, que o deixaram cada vez mais incapacitado. Talvez por isso, Nathan, embora o primogénito do primogénito, não deu continuidade à tradição familiar de ocupar a presidência da sinagoga, nem, aliás, desempenhou nenhum cargo eminente. Ainda que, no papel, fosse ele o presidente da Companhia Freedman, os negócios eram conduzidos, em grande medida, pelo irmão, Horace. Além do mais, ao contrário dos seus antepassados, Nathan não era um intelectual nem um erudito em matéria religiosa. As estantes de madeira escura da casa da Belmont Avenue continham uma impressionante colectânea de obras encadernadas dos Grandes Poetas — Chaucer, Wordsworth, Byron; fora o presente que Nathan recebera por ocasião do bar mitzvá —, mas as respectivas lombadas permaneceram intactas até Leonard pegar naqueles livros para os ler. Nathan, contou Leonard, preferia a *Reader's Digest*. Mas «ele tinha um coração culto; era um cavalheiro»<sup>4</sup>. Quanto à religião, Nathan era «um judeu conservador, nada fanático, sem ideologia nem dogmas, cuja vida era composta somente pelas rotinas domésticas e pelas ligações à comunidade». A religião não era coisa que se discutisse em casa de Nathan, não era, sequer, coisa em que se pensasse. «Não se falava do assunto, assim como os peixes não falam acerca da água.»<sup>5</sup> Limitava-se a constituir o pano de fundo em que a família se movia: eram aquelas as suas tradições, era aquele o seu povo.

O pai de Masha, o rabi Solomon Klonitzki-Kline, era um afamado erudito em questões religiosas. Fora director de uma escola de estudos talmúdicos em Kovno, na Lituânia, a uns oitenta quilómetros da cidade onde Lazarus nascera (ainda que, aquando do nascimento do rabi Kline, a Lituânia tivesse já sido anexada pela Rússia). Era também escritor, cujos dois livros, *Léxico de Homónimos Hebraicos* e *Colectânea de Interpretações Talmúdicas*, lhe valeria o epíteto de «Sar HaDikdook», o Príncipe dos Gramáticos. Quando a perseguição de que os



O pai de Leonard, Nathan Cohen (de pé, à esquerda), e o tio, Horace Cohen (sentado, ao centro) [colecção particular de Leonard Cohen]

judeus eram alvo tornou a vida na Lituânia insuportável, mudou-se para os EUA, onde uma das filhas se instalou e se casou com um americano. Masha foi para o Canadá, onde arranjou trabalho como enfermeira. Quando a licença de trabalho de Masha caducou, o pai pediu auxílio ao genro americano, o que o levou a entrar em contacto com o comité de auxílio aos imigrantes de Lyon Cohen. Foi graças à amizade subsequente entre o rabi e Lyon que Masha e Nathan se conheceram e se casaram.

Em rapaz, Leonard ouvia falar muito do avô Kline, embora raramente o visse, uma vez que o rabi passava grande parte do tempo nos EUA. Masha contava a Leonard que havia quem percorresse centenas de quilómetros só para ouvir o avô dele falar em público. O avô gozava também de uma reputação de cavaleiro exímio, o que encantou Leonard. Agradava-lhe pertencer a uma família de pessoas eminentes, mas era um garoto, e as proezas físicas levavam a palma ao intelecto. Fazia tenções de entrar para a academia militar assim que tivesse idade. Nathan disse-lhe que achava bem. Leonard queria travar guerras e ganhar condecorações — tal como o pai havia feito, antes de se converter naquele inválido que, por vezes, não conseguia sequer subir a escada, permanecendo em casa, sem ir trabalhar, entregue aos cuidados da mãe de Leonard. Ao longo da primeira infância de Leonard, Nathan passou longas temporadas enfermo. Mas o rapaz tinha

provas de que o pai fora outrora um guerreiro. Nathan possuía ainda a sua arma da Primeira Guerra Mundial, que guardava na mesinha-de-cabeceira. Certo dia, quando ninguém estava a ver, Leonard entrou à socapa no quarto dos pais. Abriu a mesinha-de-cabeceira e tirou de lá a pistola. Era uma pistola bem grande, uma .38, tendo gravado no cano o nome do pai, a patente e o regimento. Apertando-a na mão pequena, Leonard estremeceu, assombrado perante o peso da arma e o contacto do metal frio na pele.

O número 599 da Belmont Avenue era uma casa cheia de vida, uma casa de rotinas, regrada, e era o centro do universo do jovem Leonard. Tudo aquilo de que o rapaz precisava ou que poderia desejar se encontrava bem próximo do lar paterno. Os tios e os primos viviam ali perto. A sinagoga, onde Leonard ia com a família aos sábados de manhã, e ainda aos domingos, para frequentar a escola religiosa, e duas tardes por semana, para as aulas de hebraico, situava-se a curta distância a pé, descendo a rua. O mesmo sucedia com as escolas laicas que frequentou, a Escola Primária de Roslyn e, mais tarde, o Liceu de Westmount. O Murray Hill Park, onde Leonard brincava no Verão e fazia anjos de neve no Inverno, espriava-se defronte da janela do seu quarto de dormir.

A comunidade judaica de Westmount era muito unida. Era também uma comunidade minoritária num bairro de protestantes anglófonos. Estes constituíam, em si próprios, uma minoria, ainda que poderosa, numa cidade e numa província povoadas, em grande medida, por católicos francófonos. Estes eram, por sua vez, uma minoria no Canadá. Toda a gente se sentia, em certa medida, como um intruso; toda a gente se sentia parte de algo importante. Era «um ambiente mental romântico, conspirativo», disse Leonard, um lugar de «sangue e terra e destino. Eis a paisagem onde cresci, e encaro-a com toda a naturalidade»<sup>6</sup>.

A comunidade a que Leonard pertencia, a meia cidade de distância do bairro de imigrantes judeus da classe operária, situado na zona de St. Urbain (cenário dos romances de Mordecai Richler), talvez parecesse hermeticamente fechada, mas, como é óbvio, não o era. A cruz no alto de Mount Royal, Mary, a criada da família, sempre a benzer-se, as festividades da Páscoa e do Natal na escola faziam parte da paisagem mental do jovem Leonard, tanto como as velas do Sabat que o pai dele acendia aos serões de sexta-feira, mais a imponente sinagoga, a dois passos, de cujas paredes o bisavô e o avô de Leonard o fitavam em grandes retratos emoldurados, recordando-lhe a linhagem distinta a que pertencia.



O número 599 da Belmont Avenue [fotografia de Sylvie Simmons]

Leonard recorda «uma vida familiar muito animada»<sup>7</sup>. Os Cohens reuniam-se regularmente — na sinagoga, no local de trabalho e também, uma vez por semana, na casa da avó paterna de Leonard. «Todos os sábados à tarde, por volta das quatro, Martha, a fiel criada da minha avó, entrava na sala a empurrar um carrinho, trazendo chá, pequenas sanduíches, bolos e bolachinhas», explica David Cohen, dois anos mais novo do que Leonard, um primo de quem este era particularmente próximo. «Nunca éramos formalmente convidados e nunca perguntávamos se podíamos aparecer, mas sabíamos que ela ‘recebia’ aos sábados. Dito assim, soa muito arcaico, mas eram ocasiões importantes.» A avó de Leonard tinha um apartamento num dos prédios grandiosos da Sherbrooke Street, no cruzamento com a Attwater, onde desembocavam todos os grandes desfiles e cortejos realizados em Montréal. «O cortejo de St. Jean Baptiste era uma coisa em grande, antes de a situação política em Montréal se complicar bastante, e nós assistíamos, debruçados da ampla janela da sala de estar da minha avó.» Ela era uma dama vitoriana, «mas, por muito que isto possa parecer arcaico e antiquado, era também